

Desaparecimento de -ádig- / -ádeg- e -idão do sistema sufixal do português

Loss of the -ádig- / -ádeg- and -idão suffixes in Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.31298>

Maria do Céu Caetano

Professora auxiliar no Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou em 2003, em Linguística, área de especialização em Morfologia, com a tese “A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais”. É também investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, sendo responsável pela base de dados BILP – Bibliografia de Linguística Portuguesa, no âmbito do grupo Gramática & Texto.

E-mail: mc.caetano@fcsh.unl.pt
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2237-9184>

RESUMO

Apesar de negligenciada durante muitos anos, tem-se assistido, recentemente, a um aumento da importância da diacronia para os estudos linguísticos e a área da formação de palavras não tem sido exceção. Neste artigo, a análise incidirá sobre algumas mudanças observadas no sistema sufixal nominal do português, tomando como casos de estudo os sufixos *-ádig-* / *-ádeg-* e *-idão*. Os dados foram recolhidos a partir de fontes primárias, mais concretamente textos do português arcaico, os quais fazem parte do *CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval*¹. Posteriormente, estes dados foram confrontados com as descrições das gramáticas históricas do português. O objetivo principal é evidenciar convincentemente que os estudos com uma perspetiva diacrónica subjacente são relevantes para a análise da formação de palavras em particular e para a morfologia em geral.

Palavras-chave: Morfologia. Formação de Palavras. Sufixação. Gramáticas Históricas do Português. Produtividade.

ABSTRACT

Despite being neglected for many years, in recent times the importance of diachrony to linguistic studies has increased and word-formation is not an exceptional case. In this paper, the focus of the analysis will be the changes observed in Portuguese nominal suffixes system, namely the disappearance of some suffixes, taking as case studies the processes in which the suffixes *-ádig-* / *-ádeg-* and *-idão* participate, collecting the data from primary sources, that is from Old Portuguese texts belonging to *CIPM - Corpus of Medieval Portuguese*, and confronting them subsequently with the Portuguese historical grammars descriptions. The central aim is to convincingly make clear that studies with an underlying diachronic perspective are relevant to the analysis of word-formation in particular and of morphological level in general.

Keywords: Morphology. Word-formation. Suffixation. Portuguese Historical Grammars. Productivity.

¹ CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (Ed.). *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: out 2019.

Introdução

Assumindo que só o recurso aos dados do passado nos possibilita estudar de forma aprofundada as relações sufixais², analisarei dois sufixos do português, cujos percursos são (aparentemente) muito diferenciados, mas que, além da sua origem latina, têm em comum o fato de terem perdido produtividade.

Os dados em análise foram obtidos em textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV (diplomas reais, diplomas particulares, foros e textos em prosa literária), a partir de consultas ao *CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval*, sendo estes posteriormente confrontados com os dados extraídos de gramáticas históricas do português em que é tratada a formação de palavras (cf. CAETANO 2003, p. 30-32)³.

Antes da análise propriamente dita, gostaria de tecer algumas considerações, ainda que necessariamente de forma breve, relativamente ao conceito de 'alternância', na medida em que nas gramáticas atrás referidas *-ádig-* / *-ádeg-* e *-idão* são tidos como formas populares (i.e., alternantes) das formas eruditas correspondentes e em estudos sincrónicos apontam-se como alternantes elementos que, na minha opinião, não deverão ser tratados enquanto tal.

1. O que acarreta o conceito de 'alternância'?⁴

No modelo distribucionalista, ou estruturalismo americano, alguns morfólogos (cf., por exemplo, BLOOMFIELD 1933, p. 164⁵) consideravam importante determinar sob que condições se verificavam as alternâncias entre morfemas e, entre os alomorfes, apurar qual a forma básica e quais as formas que com ela alternam.

² De ambos os lados do Atlântico, foram surgindo nas últimas décadas alguns trabalhos que exemplarmente evidenciam a importância de dados de fases pretéritas, quer para a descrição, quer para a teorização morfológicas. Entre outras, vejam-se as seguintes referências: RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 1993; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*. São Paulo / Bahia: Contexto / Editora da Universidade Federal da Bahia, 1994 e VIARO, Mário Eduardo. Sobre a inclusão do elemento diacrónico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*, 2, p. 173-190, 2010.

³ CAETANO, Maria do Céu. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português*. Análise de algumas correlações sufixais. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2003.

⁴ No essencial, retomo neste ponto vários aspetos discutidos em Caetano (2003).

⁵ BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

Neste modelo, as alternâncias são basicamente de dois tipos: as alternâncias fonéticas, em que a modificação das formas se deve ao contexto fonético⁶ e que, por terem uma distribuição previsível, também são designadas frequentemente por alternâncias regulares e as alternâncias gramaticais, morfológicas ou formais, aquelas que são determinadas pelo contexto morfémico⁷.

Num estudo alargado sobre os morfemas alternantes em espanhol, Saporta (1959)⁸ refere-se ainda a outro tipo de alternâncias que não podem ser determinadas pelo contexto (fonológico, morfológico e distribucional), como por exemplo *-dad* ~ *-tad* ~ *-idad*, em *maldad*, *libertad*, *felicidad*.

Dentro das alternâncias entre alomorfes de um morfema, MATTHEWS (1991, p. 115)⁹ distingue alternância recorrente de alternância não recorrente (só observada num único morfema, como por exemplo [*'kæʃ* e *'kɔ:t*, em *catch* ~ *caught*) e adiciona a noção de alternância lexical¹⁰, tipo de alternância que também encontramos descrita em BAUER (1983, p. 15)¹¹, por quem é dado o exemplo do inglês *ox* ~ *oxen*, sendo *oxen* o único lexema com forma de plural em *-en*¹².

Os fonólogos generativistas também se interessaram, embora de um modo diferente, pela questão das alternâncias. Na gramática generativa, assume-se que cada morfema deve ser listado no léxico e, nos casos em que um morfema apresenta mais do que uma forma, só se lista a forma subjacente. As diferentes configurações que um morfema pode assumir (de acordo com o contexto fonológico, morfológico ou lexical) são descritas por um conjunto de regras, que determinam as ocorrências das variantes de um morfema. Na fonologia generativa, a forma básica dos estruturalistas torna-se, assim, parte de uma representação 'fonológica' subjacente.

⁶ Por exemplo, as diferentes realizações do morfema de plural, em português.

⁷ SAPORTA, Sol. Morpheme Alternants in Spanish. In: KAHANE, Henry R.; Pietrangeli, Angelina (Ed.). **Structural Studies on Spanish Themes**. Acta Salmanticensia (Filosofía y Letras), v. 12, n° 3, p. 15-162, 1959 dá como exemplo deste tipo de alternância o par *promet-* ~ *promes-*; a primeira forma ocorre antes de morfemas (sufixos flexionais) verbais, como em *prometo*, e *promes-* ocorre antes de morfemas não verbais, como em *promessa*.

⁸ Remetendo para HOCKETT, Charles. Two models of grammatical description. **Word**, 10, p. 210-231, 1954, o autor apresenta dois modelos de descrição gramatical, i.e., Item and Process (IP) e Item and Arrangement (IA) e justifica a sua escolha pelo segundo, pois enquanto no primeiro modelo a descrição se faz em termos de uma mudança que envolve uma forma básica, no modelo IA a descrição aplica-se a formas coexistentes. Consequentemente, no segundo modelo, a escolha do alomorfe é arbitrária, uma vez que nenhum dos alternantes é considerado a forma básica.

⁹ MATTHEWS, Peter H. **Morphology**. An introduction to the theory of word-structure. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

¹⁰ O autor classifica as outras alternâncias em morfemicamente condicionadas, gramaticalmente ou morfológicamente condicionadas e fonologicamente ou fonemicamente condicionadas (cf. MATTHEWS, 1991, p. 115-116), consoante a presença de uma variante dependa do contexto morfológico, gramatical ou fonológico.

¹¹ BAUER, Laurie. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

¹² Bauer (1983, p. 15) considera ainda os alomorfes foneticamente condicionados e os gramaticalmente condicionados e afirma que os alternantes morfofonémicos são alomorfes "conditioned by the word-formation process undergone" (exs.: a) *divine divinity* ai ~ i e b) *convulse convulsion* s ~ ʃ), alternâncias que, na sua opinião, se explicam quase sempre por razões históricas: a primeira resultante do Great Vowel Shift, no séc. XV, e a segunda de uma palatização de /s/ antes de /i/ ou /j/, regra que ainda está disponível em inglês (cf. BAUER, 1983, p. 126).

No modelo SPE¹³ (CHOMSKY; HALLE, 1968)¹⁴, a maior parte das alternâncias é tratada no componente fonológico, submetendo-se a regras fonológicas gerais (assimilação, dissimilação, inserção, supressão, etc.), enquanto as alternâncias supletivas (ex. *ir ~ fui*) e certas alternâncias tidas como mais ou menos irregulares ou não produtivas são tratadas fora da componente fonológica propriamente dita, através de regras de reajustamento, visando dar conta da alteração da forma fonológica de um item lexical, i.e. das representações fonológicas subjacentes, antes que ele entre na componente fonológica (por exemplo, em inglês, a alteração do /t/ final de verbos como *convert* ou *subvert*, antes da junção do sufixo *-ion*, de modo a assegurar que ele assume a forma [ʃ] em nomes do tipo de *subversion*). No entanto, como assinala BAUER (1983, p. 130), nem sempre há forma de decidir sob que condições é que duas formas fonéticas de superfície devem derivar da mesma forma subjacente de um morfema, ou seja, quando é que as regras da fonologia permitem predizer uma certa alternância e quando é que não o permitem e, conseqüentemente, quando é que se pode estabelecer uma relação derivativa. Parece, pois, não existir no modelo SPE um critério claro que permita distinguir as alternâncias que são tidas em conta pelas regras de reajustamento e as que são tratadas fonologicamente. Entre outras, é também por esta razão que os defensores da Fonologia Generativa Natural (cf., por exemplo, Hooper 1976¹⁵) se mostraram algo críticos em relação ao modelo SPE, assim como manifestaram o seu desacordo em relação às regras que em SPE estabelecem a ligação entre as representações fonológicas subjacentes e as formas de superfície (fonéticas). Daí que em Hooper (1976) tenhamos três tipos de regras: foneticamente condicionadas, morfofonémicas e "via-rules". As primeiras são foneticamente "naturais" e universais, enquanto as segundas são específicas de cada língua, não dependem do contexto fonético, mas antes de contextos morfossintáticos e lexicais e permitem relacionar diferentes formas de um mesmo item lexical, aplicando-se, por isso, à flexão. Por fim, as "via-rules" dizem respeito a relações fonológicas que já não são produtivas, possibilitando estabelecer a ligação entre diferentes itens lexicais morfologicamente relacionados (por exemplo, *noite* e *noturno*).

A Fonologia Lexical, também conhecida por Morfologia Lexical (cf., por exemplo, KIPARSKY, 1982¹⁶ e MOHANAN, 1986¹⁷)¹⁸, tenta apresentar uma solução intermédia, preconizando regras fonológicas em que morfologia e léxico interagem (regras lexicais) e regras em que não há essa interação (regras pós-lexicais).

¹³ Abreviatura de Sound Pattern of English.

¹⁴ CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

¹⁵ HOOPER, Joan B. *Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.

¹⁶ KIPARSKY, Paul. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: van der HULST, H.; SMITH, N. (Ed.) *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 131-175.

¹⁷ MOHANAN, Karuvannur P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986.

¹⁸ Apesar de não existir um modelo único de Fonologia Lexical, podemos, contudo, encontrar as linhas orientadoras deste modelo em KIPARSKY (1982).

Um dos aspetos a sublinhar é o fato de em trabalhos de índole generativista padrão a alomorfa se restringir muitas vezes a alternâncias das quais não se pode dar conta através de uma regra produtiva. Enquanto as variantes fonéticas, ou variantes derivadas fonologicamente ou alternantes fonológicos, se podem explicar de forma regular por processos fonológicos gerais (assimilação, redução vocálica, etc.)¹⁹, os termos morfe e alomorfe ficam reservados às variantes fonológicas de um morfema que não estão sujeitas a regularidades, i.e., que não são fonologicamente predizíveis, uma vez que resultam de regras fonológicas já desaparecidas, da reorganização analógica dos paradigmas ou da diferente atuação de mudanças fonéticas (veja-se, por exemplo, MASCARÓ, 1985²⁰, p. 17 e 53 e JENSEN, 1990²¹, p. 7-8).

Apesar das suas especificidades, a maior parte das propostas até aqui referidas assenta na conceção (tradicional) da morfologia concatenativa baseada em morfemas²², i.e., assume-se que o morfema é a unidade mínima de análise, e reivindica-se que as alternâncias se caracterizam por uma diferença formal que não se traduz numa alteração a nível semântico. Porém, outros autores, como por exemplo ARONOFF (1976 e trabalhos posteriores)²³ e BOOIJ (2001)²⁴, defendem que a morfologia se baseia em palavras e estabelecem regras de reajustamento (regras de alomorfa e regras de truncamento) que incidem sobre os produtos de regras produtivas de formação de palavras, considerando que as regras de alomorfa se destinam a dar conta das mudanças fonológicas de certos morfemas devido à presença de outro(s) morfema(s) (por exemplo, em *electrify* – *electrification*, dá-se a passagem do sufixo verbal do ing. *-fy* a *-fic-*, por estar seguido do sufixo nominal *-ation*).

Mais recentemente, em Villalva e Gonçalves (2016, p. 178-179)²⁵ aponta-se que alguns sufixos derivacionais têm um ou mais alomorfes, como *-al* ~ *-ar*, tendo havido em *-ar* uma dissimilação (quando a base nominal contém /l/), ocorrendo ainda, segundo os autores, outro caso de alomorfa (esta sem origem no latim) que diz respeito ao sufixo *-ez* ~ *-eza*, que forma nomes de qualidade deadjetivais, considerando-se que a sua distribuição tem uma base prosódica, relacionada com o

¹⁹ Por exemplo, /ko/ e /kon/, realizações diferentes de um mesmo afixo, em derivados do tipo de *co-habitar* e *consanguíneo*.

²⁰ MASCARÓ, Joan. *Morfologia*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1985.

²¹ JENSEN, John T. *Morphology*. Word Structure in Generative Grammar. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1990.

²² Sobre outras propostas, nomeadamente no âmbito da morfologia não-linear, veja-se, entre outros, GONÇALVES, Carlos Alexandre. Interface Morfologia-Fonologia: Teorias, Abordagens e Temas. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Língua em Uso* n° 47. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense / Instituto de Letras, 2013. p. 333-355.

²³ ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press, 1976. Nesta obra, o autor propõe a palavra enquanto unidade mínima de análise em morfologia (*Word-Based Hypothesis*), visto que considera que só ao nível da palavra é que existe uma relação estável entre forma e significado.

²⁴ BOOIJ, Geert. *The Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

²⁵ VILLALVA, Alina; GONÇALVES, Carlos Alexandre. The Phonology and Morphology of Word Formation. In WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (Ed.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016, p. 167-187.

estatuto temático. Ou seja, para os autores, “*-ez* forms \emptyset stem nouns, such as *timidez* >”shyness”, *-eza* forms *-a* stem nouns, like *magreza* “slimness”. Na opinião dos autores, a distribuição dos alomorfes é sensível ao número de sílabas das bases, pois “*-eza* selects shorter bases (typically monosyllable roots) such as *frieza* (“coldness”), and *-ez* selects longer bases (roots with two or more syllables), like *acidez* (“acidity)”. Contudo, em nota de rodapé, indica-se que “we find the same base with both allomorphs (*durez*, *dureza* “hardiness”), although usually only one of them is currently used. Some counter-examples, such as *rudez* (“rudeness”) or *aspereza* (“roughness”) can also be found”.

Em resumo, o conceito de alternância acarreta em si dois pressupostos básicos: que as formas tidas como alternantes partilhem algum elemento (formal); que formas estruturalmente diferentes possam ser identificadas como estando relacionadas devido a similaridades na forma e no significado. Todavia, as soluções apresentadas, como tentarei ilustrar em seguida, nem sempre permitem descrições equilibradas, sobretudo quando se pretende confrontar dados pertencentes a diferentes estágios, como são os casos tratados pelos gramáticos históricos²⁶, que, além da alternância entre “variantes fonéticas” do mesmo sufixo (por exemplo *-dade* / *-idade*), consideram ainda outros dois tipos de alternâncias sufixais: a alternância entre sufixos “eruditos” e “populares” (por exemplo *-ato* ~ *-ado*) e a alternância entre sufixos produtivos e sufixos não produtivos²⁷, como no caso de *-idade* ~ *-eza*, sabendo-se que desde há muito não se formam em português novos nomes em *-eza*.

Chame-se-lhe princípio de ‘um significado uma forma’, de ‘economia’, ou outro, tal como descrito em Hockett (1958, p. 409)²⁸, ao assinalar a “mudança gramatical” do sufixo lat. *-ārius* (agente), que deu origem ao ing. *-er* (ex. *wagoner*), o qual, em Old English, alargou o seu emprego, juntando-se igualmente a radicais verbais (por exemplo, *writer*), quando duas formas, “an inherited one and an innovation” estão em competição, a não sobrevivência de uma delas pode ser simplesmente o aspeto negativo da sobrevivência da outra, ressalvando que, em certos casos, podem sobreviver ambas as formas (HOCKETT, 1958, p. 399)²⁹.

²⁶ Este estudo baseia-se no corpus de 18 gramáticas históricas do português que tratam a formação de palavras, delimitado em Caetano (2003, cap. 1).

²⁷ Aplicado à oposição entre sufixos produtivos e não produtivos, o conceito de ‘alternância’ resulta um pouco estranho atualmente. Contudo, entenda-se que, para os gramáticos históricos, há igualmente alternância entre sufixos quando ambos se soldam a bases e formam derivados pertencentes às mesmas categorias sintáticas e as paráfrases são idênticas, embora esses sufixos tenham forma e etimologia diferentes.

²⁸ HOCKETT, Charles. *A Course in Modern Linguistics*. New York; MacMillan Publishing Co., 1958.

²⁹ HOCK, Hans H. *Principles of Historical Linguistics*. 2ª ed. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1991, p. 168, ao definir a noção de nivelamento (“leveling”) como a eliminação completa ou parcial de alternâncias no interior dos paradigmas, também refere que as alternâncias que não assinalam diferenças de significado tendem a ser eliminadas.

2. Descrição e análise dos dados

2.1. *-ádig-* / *-ádeg-*

Do sufixo *-ádig-*, e da sua variante *-ádeg-*, como se pode verificar abaixo, não são muitas as atestações em textos do português arcaico, o que leva a pressupor que a sua frequência nunca tenha sido muito significativa. Em princípio, o ter deixado cedo de ser sufixo formador de nomes em português contribuiu para que a maior parte dos exemplos retirados de gramáticas históricas se faça acompanhar de uma breve explicação, sendo *achadigo* o único nome num texto notarial do séc. XIII³⁰, de entre os textos consultados, formado aparentemente em português a partir de um radical verbal³¹. Confronte-se, pois, os dados retirados das gramáticas, em que temos nomes formados a partir de nomes, com o semanticismo de 'imposto, tributo, pensão': *amadigo*; *bragaádiga*; *cardealádeg*; *cathedradégo*; *compadradigo*; *eirádega* / *eirádego*; *geraládeg*; *hospedadigo* / *hospedádeg*; *infantadigo*; *lagaradiga*; *libradigas*; *maninhadégo*; *mordomadigo*; *papádeg*; *peessoaíg* / *peessoaégo*; *taballiadego*.

Por serem pouco transparentes para os falantes atuais do português, descrevem-se abaixo, sumariamente, os derivados anteriormente elencados.

Assim:

- *amadigo*, em VITERBO (1962-1968), é o "lugar, povo, quinta, casal ou herdade, que lograva os privilégios de honra, por nele se haver criado, ao peito de alguma mulher casada, o filho legítimo de um rico-homem ou fidalgo honrado (de *ama* + *-ádigo*)". Em SERRÃO, Joel (dirigido por). **Dicionário de História de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas (=Dic. HP), s.d., "honra que fruíam os lugares onde os fidalgos mandavam criar os filhos, por interesse próprio ou dos lavradores, assim isentos de pagarem impostos ao rei";
- *bragaádiga*, em VITERBO (1962-1968), designa "A estimação ou preço de um bragal"; *bragal* "tecido grosso, atravessado por muitos cordões". Para

³⁰ Quando alguu achar s(er)uo alheo fugido e o ap(re)sētar ant' o alcaide cū todas sas cousas q(ue) lhy achou assi como mada a ley, o alcaide façalho guardar cū outras cousas p(er) escripto ou p(er) testimõhas de guisa q(ue) o possa todo cobrar seu dono q(ua)ndo ueer, e aq(ue)l q(ue) o achou aya #I m(a)r(auidi)s do senh(ur) por *achadigo* e as despesas q(ue) enel fez (CIPM, acesso em: out 2019).

Segundo VITERBO, Fr. Joaquim S. R. **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**. Porto: Civilização (edição crítica de Mário Fiúza), 1962-1968, pode ser sinónimo de *alvíssaras*, "mas o *achádego* era um prémio que o achador tinha direito de receber do dono da cousa achada, enquanto as *alvíssaras* resultam apenas de uma obrigação moral, de *acha(r)* + *-ticus*". Em HUBER, Joseph. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (tradução do original alemão *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933), 1986, p. 85, "*alvíssaras*, de *achar*".

³¹ Todas as outras formas são [+ latinas].

- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977, "preço de bragal". No Dic. HP, "*bragal* antiga unidade de valor (sete ou oito varas de bragal) onde faltava a moeda";
- em MACHADO (1977), "*cardealádego* / *cardenaládego*, de *cardeal* = *cardealado*", enquanto em CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987, "XV, o m.q. *cardinalato* dignidade de cardeal, lat.";
 - *compadradigo*, em VITERBO (1962-1968), é o mesmo que *compadrio*, este último na acepção de "ser compadre de alguém". Cf. COSTA, J. Almeida, SAMPAIO e MELO, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 8ª ed. Porto: Porto Editora (=Dic. PE), 1998: "*compadrado*, s.m. parentesco entre compadres; compadrio; aliança";
 - para VITERBO (1962-1968), "*eirádega* o m.q. *areática*, pensão que antigamente pagavam os enfiteutas aos senhorios [sobre a colheita de cereais e de vinho]". Em MACHADO (1977), "*eirádiga*, 1166, de *eira*";
 - de acordo com o Dic. HP, *cathedradégo* é o mesmo que *catedrático* "antiga pensão anual paga ao bispo diocesano como prova de sujeição e em honra da cátedra episcopal";
 - em MACHADO (1977), aponta-se que "*generaládego*, XV, de *general*";
 - segundo MACHADO (1977), "*hospedádigo*, s. XIV, de *hóspede*, o m.q. *hospedagem*" e, em CUNHA (1987), "*hospedadigo* XIV, o m.q. *hospedagem* XVI";
 - *infantádigo*, em VITERBO (1962-1968), significa "terra ou cousa de infanções". Cf. MACHADO (1977), *infantádigo*, s. XIV, de *infante* / *infantádego* XVI / *infantático* XIX;
 - *lagaradiga* é "o mesmo que *eiradêga* / *eiradiga*" para VITERBO (1962-1968), mas, em MACHADO (1977), "*lagarádiga*, s. de *lagar*. Em 1111" e "*lagaragem*, s. de *lagar*. Em 1873";
 - *libradigas*, segundo VITERBO (1962-1968), é o mesmo que *livra* (*livra*, por sua vez, é uma variante de *libra* ou *lipera*). Em MACHADO (1977), "*librádiga*, 1345, s. de *libra*";

- em VITERBO (1962-1968), *maninhadégo* é o mesmo que *maninhado* e *manería*, ou seja, "Foros, pensões, laudémios e quaisquer outras rendas ou serviços que dos prazos, feitos das terras maninhas, pagavam os respectivos caseiros". Em Dic. PE, "tributo antigo, de um terço dos bens, que pagavam à Igreja ou ao Estado os casados que morriam sem descendência, de *maninho* [bens de pessoa falecida sem deixar descendentes], do lat. *maninu- «estéril» + *-ádeg*";
- segundo MACHADO (1977), "*mordomádigo* de *mordomo* + *-adigo*, XIII, o m.q. *mordomádeg*";
- *papádeg*, em MACHADO (1977), "*papádigo*, XIV, s. de *papado*, var. *papadego* XV";
- *pessoadigo* / *pessoadégo* é o "direito, que algum tem de ser psoeiro ou cabecel de um prazo"; "*psoeiro* cabeça de um prazo ou casal, cabecel, que recebe as rendas e porções dos seus consortes para as entregar, por junto e inteiramente, ao senhorio, séc. XIV" (cf. VITERBO 1962-1968);
- *taballiadego*, que designa "ofício de tabelião", ocorre em MACHADO (1977) como "*Tabeliado*, s.m. Ofício de tabelião; o m.q. *tabelionato* e *tabelionato*. || Antigo imposto pago pelos tabeliães".

Além destes, mas com a aceção de 'doença', formado a partir de um radical verbal, temos o nome *levadigas*, o qual, de acordo com VITERBO (1962-1968), significa "tumores fungosos e malignos, que nasciam nos sobacos e outras partes do corpo, 1348". Em MACHADO (1977), "*levádiga*, 1348, s., de *levar* (= *levantar*)" e "*Levadigas*, s.f. pl. Ant. Dor aguda ou pontada, que se sentia debaixo do braço ou junto da virilha e precedia ou acompanhava a elevação ou bubão, nos casos da peste negra do séc. XIV". Por ser o único derivado denotando 'doença', suponho que tenha havido uma lexicalização.

Do latim, herdámos alguns nomes, como os abaixo indicados:

- *chavadégo*, que, em VITERBO (1962-1968), é o mesmo que *chavadígo*, séc. XIV, "luvas, agradecimento ou molhadura do conchavo, e ajuste que, entre o mosteiro e os novos enfiteutas se fazia; constava de um carneiro e uma fogaça ou pão grande de trigo" e, em MACHADO (1977), "*chavádeg* / *chavádigo*, do lat.";
- *fumadadégo* / *fumádeg*, em VITERBO (1962-1968), é o mesmo que *fumagem*, "tributo ou direito de cabeça, cabeção, que se pagava de cada casa de família, segundo o respectivo foral ou aforamento. O direito de habitar"; "*fumagem*

censo, tributo ou pensão, que o direito senhorio recebia de todas as casas dos seus vassallos ou colonos, prescindindo de nelas acenderem lume ou fazerem fumo, porque o comum e regular era acendê-lo. (...) Em alguns documentos, se chama fogaça ou fogo (...). Também se chamou direito de cabeça ou cabeçaço". Para MACHADO (1977) e também CUNHA (1987), "XVI, lat. *fumaticu;

- *montádego* / *montádego* são equivalentes a "*montádigo* e *montático*, lat. *montaticu-*, certa pensão ou tributo, que se paga por pastar os gados no monte de algum concelho ou senhorio" (cf. VITERBO 1962-1968);
- *padroádego* / *padroadigo* / *padruádigo* / *padronadiga*, em VITERBO (1962-1968), significa "Dote ou herança, que vinha da parte do pai, o qual os filhos com dificuldade grande vendiam". Segundo Huber, (1986, p. 320) "*padroádigo* = direito de apresentar ou propor um pároco em uma igreja". Para SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins. **Gramática de português**. Lisboa: Livraria Popular, 1938, p. 92, *padroádigo* era o "privilégio de patrono adquirido por quem fundava e dotava uma igreja". Em MACHADO (1977), "*padroádigo*, 1192, do lat. *patronaticu-*". Cf. *padroado* XIII, lat.;
- *portádego*, que, para VITERBO (1962-1968), é sinónimo de *portático* e de *portagem*. Em MACHADO (1977), "*portádigo*, antes de 1096" e "*portagem* XIII, do fr. *portage*, deriv. do lat. **portaticum*";
- *terrádego* / *terradégo* / *terradego* / *terradigo*, segundo VITERBO (1962-1968), "*terrádego* laudémio, ou certa parte do preço, ou estimação da cousa vendida que paga o foreiro, quando com licença e consentimento do direito senhorio a vende, troca, dá ou alheia"; "*terradigo* renda ou pensão anual, que se pagava por viver e cultivar em terra alheia"; "*terrado* certo foro que se pagava aos bispos de Coimbra, de todas e quaisquer propriedades que, naquele bispado, se venderam, não podendo tabelião algum fazer carta de venda (...) sem que nela vá inserto o bilhete do bispo, pelo qual dá licença e conste que se pagou o terrado, sob pena de perdimento dos seus ofícios, fazendo o contrário". Em MACHADO (1977), "*terrádego* 1474, do lat. **terraticu-*", mas em Huber (1986, p. 85), de *terra*.

No que diz respeito à configuração afixal, nalgumas gramáticas surge por vezes alguma confusão relativamente a *-ádig-* (*-ádeg-*) e *-igo* e *-ego*³², tidos estes dois últimos como "reduções" dos primeiros,

³² Sem querer referir-me à problemática da origem de *-ego*, cf., por exemplo, REINHARDSTOETTNER, Carl von. **Grammatik der Portugiesischen Sprache**. Strassburg: Karl J. Trübner, 1878, p. 134, gramático que não confunde *-ego* com *-ádeg-*, especificando que o primeiro tem origem no lat. *-icus* e forma nomes próprios como *Mondego* e também nomes comuns (exs.: *ardego*, *borrego*, *labrego*, *ninhego*). Para MOTA, Othoniel. **O meu idioma**. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937, p. 65 e 70, *-ego* é de origem ibérica (exs.: *borrego*, *labrego*, *ninhedo*)

quando, de fato, pela análise dos dados, concluímos que não o são. Por exemplo, de acordo com Silva Jr. e Andrade (1913, p. 351)³³, "havia nos séculos XV e XVI as desinências *ego*, *igo*, que, parece, correspondiam ás actuaes *agem*, *ia*" (exs.: "*Fumádego* — *fumagem*, pensão paga por fogo ao senhorio. *Terradigo*, *terradego* — quantia que o foreiro pagava de laudemio ao direito senhorio para poder alienar o predio, etc. *Portadigo* — *portagem*. *Mordomadigo* — *mordomia*. *Hospedadigo* — *hospedagem*").

Outra questão relaciona-se com a acentuação de *-ádig-* (*-ádeg-*). DIEZ (1973, p. 285-286)³⁴ refere que "Santa Rosa (...) accentue partout *adégo*", aspecto que viria a ser corrigido em edições posteriores, em que a forma apresentada é *-ádego*, indicando-se também que "em consequência da sílaba postónica *-de-* < lat. *-tī-*, a terminação *-ádego* reduz-se, por vezes, a *-ágo*, *vinhago* a par de *vinhádego*" (cf. VITERBO 1962-1968, p. 174-175). PIEL (1989, p. 212-213)³⁵ também alude à questão da acentuação do sufixo, anotando que no *Elucidário* de VITERBO as palavras em *-ádig-* (*-ádeg-*) "vêm apontadas com pronúncia paroxítona: *-adêgo*, *-adígo*, o que é inadmissível"³⁶.

Tal como *-atīcu-* latino viria a dar *-átic-* em português, deu origem igualmente a *-ádig-*, com vozeamento das oclusivas em contexto intervocálico e consequente passagem de /t/ e /k/ a /d/ e /g/, processo idêntico ao que encontramos em formas atestadas nos textos dos séculos XIII e XIV, textos em que *-igo* está por *-ico*³⁷. Por não se inserir na regra geral de sonorização das consoantes surdas em contexto intervocálico³⁸, *-átic-* surge como a forma erudita do sufixo latino, sendo hoje em português

e *-igo* "do lat. *icu(m)*, como em *pudicu(m)*", ocorre em nomes do tipo de "*formiga*, *amigo*, *umbigo*, *postigo*. Não se tornou suffixo productor em romance". VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro, 1946, p. 68, esclarece que "*-icus*, *-ica*, com *i* breve, conservado nessa forma em bastantes adjectivos cultos (como *cívico*, *áulico*, *profético*), é pronunciado *-ego*, logo que qualquer deles passe ao vulgo. Depois de *polítego*, *rústego*, *prátega*, *tísego*, *étego* (*hecticus*), *trôpego* (*hydrópicus*) terem sido popularizados, logo vieram inovações como *hírtego*, de *hirtus*, e substantivos numerosos, como *lóntraga* por lontra, *cóbrega* por cobra; *salamântega* por salamandra; *limáchega* por *limacha*, *limaça* nome de lesma. Mais adiante, a autora reafirma o seguinte: "mostrei que o vulgo (...) desprende *-ego* de adjectivos abstractos como *cismátego*, *polítego*, *rústego*, *prátego* — e junta êsses sufixos átonos a numerosos têrmos do seu uso" (VASCONCELLOS, C. M. 1946, p. 70). Ainda sobre o sufixo *-ego*, VASCONCELLOS, C. M. (1946, p. 76) diz que "dos Celtas restou apenas *-ego* de *galego*, *Lamego*, *Mondego*, com imitações como *labrego* e *borrego*. Ele é muito fecundo, sobretudo em territórios hispânicos".

³³ SILVA Jr., Manuel Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

³⁴ DIEZ, Frédéric. *Grammaire des Langues Romanes*. Genève/Marseille: Slatkine Reprints/Laffitte Reprints (réimpression de l'édition de Paris, 1874), 1973.

³⁵ PIEL, Joseph M. A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português. In: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, (publicado pela primeira vez em 1940, no *Boletim de Filologia*, 7, p. 1-17), 1989, p. 201-212.

³⁶ Cf. ainda Sequeira (1943, p. 91), para quem a acentuação exdrúxula de *-ádeg-* é "anormal", contrariamente ao que se verificou em francês e em castelhano, em que *-ATĪCU* evoluiu respectivamente para *-age* e *-azgo*.

³⁷ Cf., por exemplo, em CIPM (acesso em: out 2019), *apostoligo* (séc. XIII, pelo lat., do gr.; o m.q. *apostólico*); *aravigo* / *aravygo* (séc. XIV, lat.; o m.q. *arábico*); *cl(er)igo* / *clerligo* / *clerigo* (séc. XIII, pelo lat., do gr.); *conigo* / *Cõõigo[s]* / *cóónigo* / *coonigo* (séc. XIII, pelo lat., do gr.; forma divergente popular de *canônico*).

³⁸ Sobre esta questão, cf., por exemplo, CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991, p. 12-13.

um sufixo adjetival residual. Contrariamente a PIEL (1980, p. 213)³⁹, não me parece adequado que se aponte o sufixo *-ádig-* / *-ádeg-* como um sufixo "semi-erudito", pois, tendo em conta a regularidade da sua evolução, acho que ele é um representante português genuíno do latino *-áticu-*. Ou seja, por se ter submetido às mudanças regulares ocorridas na passagem do latim para o português, *-ádig-* / *-ádeg-* é, na terminologia dos gramáticos históricos, um sufixo popular, à semelhança de *-idão*, tratado no ponto seguinte (cf. 2.2).

Uma vez que, pelo que foi dado observar, são poucas as restrições impostas às bases, sendo pouco significativas as regras de reajustamento ativadas por *-ádig-* / *-ádeg-*⁴⁰, o que terá, então, contribuído para o desaparecimento deste sufixo? A existência do sufixo isofuncional *-agem*, uma vez que apresenta distintividade fonológica e identidade funcional e semântica com *-ádig-* / *-ádeg-*, selecionando o mesmo tipo de bases e conferindo-lhes o mesmo semanticismo, e com origem no mesmo sufixo latino, só por si terá sido suficiente para ditar o desaparecimento de *-ádig-* / *-ádeg-*?

Na descrição do sufixo castelhano "*-azgo* < *-ATICU*", Ridruejo (1998, p. 314)⁴¹ também assinala a competitividade com outros sufixos, pois, segundo afirma, "directamente, concorre com *-agem*, de idêntico étimo [...], com o qual também se criam pós-verbais. Além disso, nos nomes de dignidades eclesiásticas concorre com outros sufixos latinizantes com a forma latina *-ato* (*cardinalato*, *priorato*), ou vulgarizados: *-ado* (*papado*), que acabam por impor-se".

A improdutividade de *-ádig-* / *-ádeg-* assemelha-se, portanto, à do seu correlato castelhano, sendo *-ádig-* / *-ádeg-* um exemplo de derivação não prosseguida, i.e., os derivados com este sufixo perderam-se na evolução sucessiva do português e, por isso, não encontram correspondentes no português atual.

Em função dos dados de que disponho, as causas que terão contribuído para a improdutividade de *-ádig-* / *-ádeg-* são, então, essencialmente quatro: a acentuação esdrúxula do sufixo, como é muito vezes sugerido; o fato de o sufixo *-agem* ser comum a todas as línguas românicas e, para além disso, o semanticismo que transmite às bases ser muito mais diversificado; havendo, ainda, a apontar a concorrência exercida por outros sufixos que não *-agem*, nomeadamente *-ado*⁴².

³⁹ Para o autor, "tudo indica que *-ádeg-* não é sufixo tradicional, mas que as palavras em questão foram modeladas sobre vocábulos, do latim medieval, em *-ATICUM*".

⁴⁰ Registe-se a queda do morfema final da base em *taballadego* (de *tabeli(ão)* / *tabali(ão)*), o que, neste aspeto, é comparável a *-agem* (cf. *malandragem*, de *malandr(im)* + *-agem* e *ladroagem*, em que há uma desnasalização do morfema final da base (de *ladr(ão)* + *-agem*)).

⁴¹ RIDRUEJO, Emilio. Sufijos improductivos. In: RUFFINO, G. (Ed.). *Actas do XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. I - Grammatica Storica delle Lingue Romanze, p. 307-318.

⁴² PIEL (1989, p. 212-213) refere que "na mais antiga versão da *Regra de S. Bento* [publicada por J. J. NUNES em 1926, no *Boletim da segunda classe da Academia das Ciências*, vol. XVI], que deve remontar ao século XIV, encontramos *moordamádig-* e *ospitádeg-*, que nas versões posteriores, dos séculos XV e XVI, são substituídos respectivamente por

Pela sua versatilidade, o sufixo *-agem* tinha muito mais condições para prevalecer, pois, como se sabe, *-agem* seleciona nomes e temas verbais para formar outros nomes (por exemplo, *barcagem*; *pilotagem*), assinalando-se igualmente o grande número de empréstimos em que ocorre (por exemplo, *cartonagem*, do francês)⁴³.

2.2 *-idão*

Alguns gramáticos históricos, como Reinhardstoettner (1878, p. 146-147), Nunes (1989, p. 374)⁴⁴ e Coutinho (1938, p. 58)⁴⁵, consideram que nem todas as formas em *-itude* foram herdadas do latim, pois algumas delas terão sido formadas em português, existindo, deste modo, uma alternância entre o sufixo "erudito" *-itude* e o "popular" *-idão*. Reinhardstoettner (1878, p. 146-147), por exemplo, pensa que "*Tude* (lat. *tudo*, *īnis*)", presente em nomes abstratos vindos do latim (ex.: *mansuetude*, *solicitude*), deu origem a derivados, como *aptitude*, *decrepitude*, *plenitude*⁴⁶, apesar de referir que a forma portuguesa correspondente, i.e., "*idão* (e *idom*, *idon*) [...]", assim como as terminações *om*, *oem*" (ex.: *firminoem*, *limpidoem*) se encontra muito mais disponível.

Interessou-me, pois, verificar se *-idão* é a variante "popular" de *-itude* e se este teria perdido disponibilidade para formar novos derivados ou se, pelo contrário, nunca esteve disponível na nossa língua.

O único exemplo em *-itude* recolhido nos textos foi *crassitude* (séc. XV)⁴⁷ e, quer este quer os apontados em gramáticas históricas – *acritude*; *altitude*; *amplitude*; *aptitude*; *atitude*; *beatitude*; *decrepitude*; *excelsitude*; *habitude*; *juventude*; *latitude*; *longitude*; *magnitude*; *mansuetude*; *plenitude*; *pulcritude*; *quietitude*; *solicitude*; *solitude*; *virtude* –, são de origem latina.

Os exemplos em *-idão* (*-idõ* / *-idõe* / *-idom*) em que a partir de adjetivos se derivam nomes, parafraseáveis como 'Qualidade (do que é X)', são os seguintes:

«ministração» e «hospitalidade», indício de que a decadência do sufixo data já desta época. Em *cardealádego*, *generaládego* e *papádego*, exemplos colhidos no *Livro da Montaria*, o sufixo *-ádego* corresponde, no que diz respeito ao significado, absolutamente a *-ado* em *papado*, etc.". O autor invoca ainda "o facto de coexistirem formas em *-ÁTICO* a par de *-ÁDEGO*, p. ex. *areática* = *eirádega*, e *montático* = *montádego*" (PIEL, 1989, p. 214).

⁴³ Para um tratamento mais exaustivo do sufixo *-agem*, veja-se, por exemplo, Caetano (2003, p. 247-258).

⁴⁴ NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Fonética e Morfologia. 9ª ed. Lisboa: Clássica Editora. 1989.

⁴⁵ COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

⁴⁶ Embora o autor referira que estas são formas portuguesas e que pertencem a um núcleo restrito, como se sabe, as mesmas já existiam em latim.

⁴⁷ O m.q. *crassitude*. "Na prudencia o sobejo se chama em latim ingenium ou astucia, ou caliditas que, em linguagem, querem dizer maa sagidade ou arteirice mais que o que compre, ou malicia. E o seu minguado é *crassitudo* em latim, que quer dizer, em linguagem, pequice." (CIPM, acesso em: out 2019).

Cf. PIEL (1989, p. 225) que afirma que as formas em *-itude* se baseiam "na forma do nominativo *-tudo*, tendo sofrido no final a influência de palavras em *-tude* > *-TUTEM*, do tipo *juventude*, *virtude*".

- a) textos: *fírmidõ* / *fírmidõe* / *ffírmidõ* / *fírmidoẽ* /... (séc. XIII)⁴⁸; *sobegidõe*⁴⁹ (séc. XIV); *levidõe* (séc. XV); *rigidõe*⁵⁰ / *rigidõe* (séc. XV)
- b) gramáticas: *amarelidão*; *amplidão*⁵¹; *brutidão*; *escravidão*; *exatidão*; *fresquidão*; *frouxidão*; *grossidão*; *immensidão*; *latidão*⁵²; *laxidão*⁵³; *levidão*; *limpidoem*; *livedõe* / *liverdoem* / *livridoem*⁵⁴; *mollidão*; *mouquidão*; *negridão*; *podridão*; *porquidão*; *pouquidão*; *prehidão*; *pretidão*; *prontidão*; *rectidão*; *rouquidão*; *simildão*⁵⁵ / *simildõe* / *simildom*; *sovejidão*⁵⁶; *vermelhidão*.

De entre os exemplos recolhidos, os que foram herdados do latim são: *çertidão*; *ingratidão*; *mansidão* / *mansidõe* e *s(er)uidõe* / *servidõe*, que ocorrem em textos do séc. XIV e, ainda *solicitudõe*⁵⁷, que ocorre num texto do séc. XV. Com a mesma origem latina, mas recolhidos em gramáticas históricas, temos: *aptidão*; *cerdidõe*; *certidão*; *crepidão*; *dulcidõe*; *escuridão*; *fírmidõe* / *fírmidão* / *fírmidõe*; *fortidão*; *gratidão*; *lentidão*; *mansidão* / *mansidõe*; *multidão* / *multidõe* / *multidõe*; *servidão*; *soidão* / *solidão*; *vastidão*.

Para Mota (1937, p. 70), em português, *-idão* ter-se-á originado de *-idom*, da seguinte forma: o plural de *-idõe* "confundia-se com outro plural em *ões* que vinha dos acusativos latinos em *ones*: *sermones*, por exemplo, port. *sermões*. Ora a esses acusativos pluraes em *ones* correspondiam os singulares em *onem* que deram singulares em *om* e depois *ão* no port. arch.: *sermone(m)* > *sermom* > *sermão*." Por analogia, com estes, criou-se, pois, segundo o gramático, "um singular *multidom* (em vez de *multidõe*), que veio também a dar *multidão*". O sufixo *-idão* começou então a dar origem a derivados, como por exemplo, *amarelidão* e *negridão*. Ainda segundo o autor, "*tude*, lat. *tudine(m)*, como em *longitudine(m)*", viria a originar em português nomes como "*longitude*, *altitude*, etc.", mas, na sua opinião, "Não é popular" (MOTA, 1937, p. 73).

⁴⁸ Cf., por exemplo, "E por q(ue) Ista mãda sej' a ffirmie Eu Rodrigo Affõsso Rogey A M(artim) p(er)ez Notario de Sabugal q(ue) ffezesse esta mãda (e) q(ue) possesse enela seu sinal por Testemõyo (e) por Mayor ffirmidõ pugí eu en ela este meu seelo". (CIPM, acesso em: out 2019).

⁴⁹ Excepto *sobegidõe*, nenhum dos derivados retirados dos textos está registado em Cunha (1987).

⁵⁰ Cf. *rigidez* XVII e *rijeza* 1813.

⁵¹ No Dic. PE, [+lat].

⁵² Provavelmente de *lat(o)* + *-idão*.

⁵³ O m.q. *lassidão*. De *laxo*, o m.q. *lasso*.

⁵⁴ Em *livedõe* / *liverdoem*, excepcionalmente a forma do sufixo é *-dõe* / *-doem*, sem a vogal inicial. No primeiro caso, talvez isso se explique pelo facto de a base terminar em *-e*, enquanto *liverdoem* terá surgido, provavelmente, por analogia com o primeiro.

⁵⁵ Segundo VASCONCELLOS, J. L. (1959, p. 195), a seqüência é a seguinte: "temos o latim: *similitudine-* > *similidõe* > *simildõe* > *simildom* > *simildão*. A terminação latina *-udine* deu regularmente *-õe* (*-õe*) em português antigo".

⁵⁶ *Sovejidão*, o m.q. *sovejidão*, XIV. Do adj. *sobejo* XIII (cf. CUNHA, 1987).

⁵⁷ Cf. *solicitud* 1836.

De entre alguns gramáticos que rejeitam ou indiciam uma posição desfavorável à hipótese de *-itude* ser um sufixo do português, contam-se:

- VASCONCELLOS, J. L. (1959, p. 194-195)⁵⁸, que, a propósito da palavra *simildão*⁵⁹, conclui que "a terminação latina *-udine* deu regularmente *-oẽ* (*-õe*) em português antigo" e que não precisamos de recorrer ao francês para explicarmos as formas em *-ão* (entenda-se *-idão*), pois "temos o latim: *similitudine-* > *similidoẽ* > *simildõe* > *simildom* > *simildão*";
- SAID ALI (1964, p. 235)⁶⁰ acha que "procede a terminação *-dão* do latim *-tudine-*: *multitudine* > *multidoõe* > *multidom* > *multidão*", a qual dá origem a nomes abstratos deadjetivais, se bem que alguns dos vocábulos nos tenham chegado do latim. Por outro lado, segundo o gramático, *-tude* só ocorre na "linguagem culta", tratando-se de mera adaptação ao português da "terminação latina *-tudine-*";
- HUBER (1986, p. 64), que especifica em nota que o sufixo *-tudine*, na sua evolução, passou pelas seguintes fases: **doẽ* > *-dõe* > *-dom* (port. mod. *-dão*)" (exs.: *mansuetudine* > *mansidõe*; *solitudine* > *soidõe*) e, mais adiante, reserva uma entrada a "*-dõe*" (cf. HUBER, 1986, p. 274), exemplificando-o com as formas *cerdidõe* e *simildõe* e assumindo, portanto, que *-itude* não forma derivados em português;
- VASCONCELLOS, C. M. (1946, p. 62), segundo a qual "*-odine*, *-udine*, deram em *-idão* através de *-idõe*" (exs.: *servidõe* *servidão*) e
- CÂMARA Jr.⁶¹ (1975, p. 224), que considera *-dão* como a forma popular de "*-tud(e)*, semi-erud. Lat. *-tudĩn(e-)*" (exs.: *amplitude*; *escuridão*).

Com base nos exemplos e nas descrições da maioria dos gramáticos históricos, penso que *-itude* não poderá ser considerado um sufixo do português: trata-se de um elemento que ocorre em formas [+latinas], embora não seja de pôr de lado a hipótese de que algumas delas tenham provavelmente entrado no português através do francês, como por exemplo *atitude*.

⁵⁸ VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

⁵⁹ Leite de VASCONCELLOS ([1911 - 1959³: 194-195) critica um "articulista" do Diário de Notícias, que escrevera que "«*simildão* é má tradução do francês *similitude*». É admirável a facilidade com que êle dá sentenças! Se a palavra francesa *similitude* se houvesse introduzido em português, era natural que conservasse o *-ude*: cfr. *atitude*, que vem do fr. *attitude*."

⁶⁰ SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

⁶¹ CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

Assumindo, com Diez (1973, p. 314)⁶² e com Piel (1980, p. 224-225)⁶³, que *-idão* é a forma portuguesa correspondente a *-itude*, não se pode deduzir, a partir dos exemplos retirados dos textos, que ela tenha sido muito rentável, o que pode ter estado na origem da sua não disponibilidade. Verifica-se, no entanto, que *-idão*, a par dos latinismos em que ocorre, foi usado para formar derivados desde o séc. XIII até, pelo menos, ao séc. XV, derivados que são nomes abstratos [+fem] deadjetivais, indicando a 'Qualidade (do que é X)'.

Nos exemplos fornecidos pelos gramáticos históricos pode observar-se que os radicais de bases a que se junta o sufixo possuem autonomia, são adjetivos simples, frequentemente em *-o* (nomeadamente, *bruto*, *escravo*, *fresco*, *frouxo*, *grosso*, *imenso*, *laxo*, *limpo*, *mouco*, *negro*, *porco*, *pouco*, *preto*, *pronto*, *recto*, *rouco* e *vermelho*) e que os derivados, embora em número reduzido, são formas transparentes e regulares.

Para a indisponibilidade de *-idão* na formação de nomes abstratos a partir de adjetivos pode ter concorrido a maior disponibilidade de *-idade*, sobretudo o fato de este último se soldar tanto a adjetivos simples como complexos, assim como a de outros derivados concorrentes, como indico abaixo:

- a) *-idão* / *-ura*: *fresquidão* (séc. XVI) / *frescura* (séc. XVI); *negridão* (séc. XVI) / *negrura* (séc. XIV); *rouquidão* (1813) / *roucura* (séc. XV);
- b) *-idão* / *-ez-*: *levidão* (séc. XV) / *leveza* (séc. XV); *limpidoem* (séc. XIII) / *limpeza* (séc. XIV);
- c) *-idão* / *-tura*: *escravidão* (1671) / *escravatura* (1770);

Verifica-se, portanto, que, exceto em dois derivados em *-ura*, os derivados em *-idão* ou são da mesma época, ou então são anteriores aos derivados em que ocorrem outros sufixos.

No que diz respeito à concorrência das formas [+latinas], independentemente da datação dos derivados em *-idão* ser mais ou menos recuada, são as primeiras que prevalecem: *amplidão* (1813) /

⁶² De acordo com Diez (1973, p. 314), "le portugais possède en outre une forme commode, inconnue à l'espagnol, *idão*, qui procède d'une forme antérieure *idon idom*, où l'*o* est sans doute une transformation de l'*ū* latin, et il s'applique à d'anciennes et à de nouvelles formations, comme *amarelidão*, *escravidão*, *escuridão*".

⁶³ Piel (1989, p. 224) defende que "a identidade de *-idão*, ant. *-idõe*, com o lat. *-tudo*, *-tūdine* em *multidão*, *escuridão*, etc., é incontestável, apesar das dúvidas emitidas por Meyer-Lübke, *Gram. Rom.*, 11, 515-16", o qual se baseia na não alteração do *-u-* do sufixo latino em *-o-*. Para PIEL (1989, p. 225), "o *u* breve passou para *o*, o *i* breve para *e*, o *t* sonorizou-se, o *d* emmudeceu: tudo isto fenômenos absolutamente normais. O ditongo nasal *õe* parece ter evoluído mais tarde para *õ*, daí grafias como *multidom*, *escuridom*, confundindo-se finalmente com *ão*, o que aliás se verifica também na desinência da 3.ª pessoa do plural e o perfeito *-ÁRÜNT*: ant. *cantárom*, mod. *cantaram*, onde *-am* se pronuncia *-ão*".

amplitude (séc. XVII); *latidão* / *latitude* (séc. XVI); *livredõe* / *liverdoem* / *livridoem* / *liberdade* (séc. XIV); *mollidão* / *moleza* (séc. XV); *simildão* / *simildõe* / *simildom* (séc. XV) / *similitude* (séc. XX).

Os exemplos recolhidos nos textos dos séculos XIII, XIV e XV em nada contraditam os dados e as descrições da maior parte dos gramáticos históricos. Assim, não foi selecionado nenhum vocábulo em *-itude* nos textos dos séculos XIII e XIV e nos do século XV só foi levantada a forma *virtude[s]* / *vyrtude[s]* / *vertude* ([+latina]), esta com inúmeras ocorrências. Por outro lado, nesses textos, os exemplos em *-idão* são ora derivados, em que o valor do sufixo pode ser parafraseado por 'Qualidade (do que é X)', ora formas [+latinas].

Considerações Finais

Os modelos morfológicos, quase sempre idealizados para a análise sincrônica das línguas (baseados em regras e assumindo o princípio de "uma forma – um significado"), revelam-se, por vezes, insuficientes no que diz respeito à descrição de dados diacrônicos, considerando complexas unidades que etimologicamente não o são, porque herdadas (na maior parte dos casos), ou porque tomadas de empréstimo, como é o caso de alguns nomes em *-itude*. Por outro lado, palavras outrora complexas, geradas no português por um processo de nominalização através da junção de *-ádig-* / *-ádeg-* a radicais nominais, devido à perda de produtividade do sufixo, são hoje tidas como palavras simples, uma vez que atualmente os falantes não conseguem identificar as fronteiras entre os constituintes, não conseguindo, igualmente, deduzir o significado do derivado a partir da soma dos significados das partes.

Neste trabalho, pretendi mostrar que os dados do passado nos levam a concluir que a trajetória de *-ádig-* / *-ádeg-* e *-idão* são em tudo semelhantes: por um lado, a fraca rentabilidade apresentada desde o início da formação do português, o que seria à partida um bom indício de que passariam a ser improdutos, e, por outro, a concorrência com outros sufixos que não se sujeitam nem impõem praticamente restrições, soldando-se a bases de diferentes categorias sintáticas e transmitindo diferentes valores.

A análise de *ádig-* / *-ádeg-* e *-idão* permite afirmar que dispomos hoje de menos recursos sufixais, mas isso não significa que as possibilidades sufixais tenham diminuído, pois alguns sufixos produtivos do português, como por exemplo *-dor*, que, da formação de nomes de 'agente', passou também a designar 'objeto', têm vindo a alargar formal e semanticamente o seu âmbito de ação.

Saliente-se, então, que, ao longo do tempo, tem havido uma tendência para reduzir o número de afixos disponíveis em português. Daí que, tal como corroborado em Caetano (2003, p. 477), contrariamente ao que se verificava em épocas mais recuadas, não se assista atualmente a uma genuína

competição entre sufixos, ou seja, não dispomos, aparentemente, no português de sufixos que denotem exatamente o mesmo valor, selecionado o mesmo tipo de bases. De uma fase (português arcaico) em que a competição entre processos morfológicos era uma “situação normal”, na aceção de normalidade de Bauer (2001, p. 71)⁶⁴, no português contemporâneo, a haver concorrência sufixal, isso será sempre tido como excepcional.

É, portanto, o olhar para aquilo que tem sido parte da história da sufixação em português que nos permite observar que *ádig-* / *-ádeg-* e *-idão* foram suplantados por outros sufixos, porque o sistema afixal parece favorecer a ocorrência de menos e mais polifacetados afixos.

⁶⁴ BAUER, Laurie. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

Referências bibliográficas

- ARONOFF, Mark. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge (Massachusetts): MIT Press, 1976.
- BAUER, Laurie. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BAUER, Laurie. **Morphological Productivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.
- BOOIJ, Geert. **The Morphology of Dutch**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CAETANO, Maria do Céu. **A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português**. Análise de algumas correlações sufixais. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2003.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTRO, Ivo. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (Ed.). **Corpus Informatizado do Português Medieval**. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: out 2019.
- COSTA, J. Almeida, SAMPAIO e MELO, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 8ª ed. Porto: Porto Editora (= Dic. PE), 1998.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
- DIEZ, Frédéric. **Grammaire des Langues Romanes**. Genève/Marseille: Slatkine Reprints/Laffitte Reprints (réimpression de l'édition de Paris, 1874), 1973.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Interface Morfologia-Fonologia: Teorias, Abordagens e Temas. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Língua em Uso**, 47. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense / Instituto de Letras, 2013. p. 333-355.
- HOCK, Hans H. **Principles of Historical Linguistics**. 2ª ed. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- HOCKETT, Charles. Two models of grammatical description. **Word**, 10, p. 210-231, 1954.

- HOCKETT, Charles. **A Course in Modern Linguistics**. New York; MacMillan Publishing Co., 1958.
- HOOVER, Joan B. **Introduction to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.
- HUBER, Joseph. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (tradução do original alemão **Altportugiesisches Elementarbuch**. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933), 1986.
- JENSEN, John T. **Morphology**. Word Structure in Generative Grammar. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- KIPARSKY, Paul. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. *In*: van der HULST, H.; SMITH, N. (Ed.) **The Structure of Phonological Representations**. Dordrecht: Foris, 1982. p. 131-175.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- MASCARÓ, Joan. **Morfologia**. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1985.
- MATTHEWS, Peter H. **Morphology**. An introduction to the theory of word-structure. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- MOHANAN, Karuvannur P. **The Theory of Lexical Phonology**. Dordrecht: Reidel, 1986.
- MOTA, Othoniel. **O meu idioma**. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Fonética e Morfologia. 9ª ed. Lisboa: Clássica Editora. 1989.
- PIEL, Joseph M. A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português. *In*: **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, (publicado pela primeira vez em 1940, no **Boletim de Filologia**, 7, p. 1-17), 1989. p. 201-212.
- REINHARDSTOETTNER, Carl von. **Grammatik der Portugiesischen Sprache**. Strassburg: Karl J. Trübner, 1878.
- RIDRUEJO, Emilio. Sufijos improductivos. *In*: RUFFINO, G. (Ed.). **Actas do XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. I - Grammatica Storica delle Lingue Romanze, p. 307-318.
- RIO-TORTO, Graça Maria. **Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 1993.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

- SAPORTA, Sol. Morpheme Alternants in Spanish. *In*: KAHANE, Henry R.; Pietrangeli, Angelina (Ed.). **Structural Studies on Spanish Themes**. Acta Salmanticensia (Filosofía y Letras), v. 12, nº 3, 1959. p. 15-162.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins. **Gramática de português**. Lisboa: Livraria Popular, 1938.
- SERRÃO, Joel (dirigido por). **Dicionário de História de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas (=Dic. HP), s.d.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe**. São Paulo / Bahia: Contexto / Editora da Universidade Federal da Bahia, 1994.
- SILVA Jr., Manuel Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. **Grammatica da Lingua Portugueza**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de Filologia Portuguesa**. Segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro, 1946.
- VASCONCELLOS, José Leite de. **Lições de Filologia Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- VIARO, Mário Eduardo. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. **Estudos de lingüística galega**, 2, p. 173-190, 2010.
- VILLALVA, Alina; GONÇALVES, Carlos Alexandre. The Phonology and Morphology of Word Formation. *In*: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (Ed.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. p. 167-187.
- VITERBO, Fr. Joaquim S. R. **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**. Porto: Civilização (edição crítica de Mário Fiúza), 1962-1968.